



Gaiato

20 DE JANEIRO DE 1973
ANO XXIX — N.º 753 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Aqui, LISBOA!

Dia 4 de Janeiro foi dia grande para todos nós. É que, como havíamos dito, se comemoraram nessa data as «Bodas de Prata» desta Casa. A vinda dos nossos Bispos, o Senhor Cardeal e o Senhor Patriarca, constituiu para todos uma grande satisfação. A estadia de um reduzido número de Amigos, representando a grossa legião que forma a Família de fora, foi motivo de profunda alegria. As representações das outras Casas e as mensagens recebidas de muitos lados, inclusive das nossas Casas de África, deram uma nota assaz familiar e de comunhão íntima aos nossos 25 anos de existência. Desde a grande celebração, com catorze participantes, até à bênção do cruzeiro da Aldeia e das novas oficinas, com um almoço de confraternização a fechar, tudo correu da melhor maneira. Todos ficámos contentes. A vida vai continuar, com inevitáveis agruras e imprevistos, mas vale a pena, de vez em quando, fazer uma paragem para revigorar as energias.

Nas novas instalações oficiais temos, por ora, apenas a Tipografia, a Sapataria, a Alfaiataria e a Barbearia, mais os escritórios e salas de convívio e recepção. Enquanto não tivermos a alta tensão montada em nada mais podemos pensar.

Entretanto, da Fundação Gulbenkian chega-nos um subsídio para a aquisição de novas máquinas para a carpintaria. A serralharia terá de aguardar a sua vez, contentando-se, por mais algum tempo, com os apetrechos que possui. Temos de ser pacientes e perseverantes. As coisas importantes não se fazem num abrir e fechar de olhos. Acreditamos em Deus e nos Homens, entre os quais estabelecemos, mau grado a nossa pequenez, a ponte; ou, para utilizar palavras dum amigo de primeira gema, dos quais somos intermediários.

Está em construção e em fase adiantada uma nova casa para 50 e poucos Rapazes. Os caboucos das futuras instalações dos anexos das oficinas (serração e armazém de ferro) e da casa da lavoura estão cheios. Temos entre mãos os projectos da lavandaria e do parque infantil, enquanto pensamos já na parte gimno-desportiva e noutra casa para os nossos Moços. As nossas cabeças não param e a nossa fé vai impulsionando toda a actividade. Graças a Deus por tudo.

Os nossos Amigos precisam de conhecer bem estas intenções e planos, para deles poderem participar plenamente. A Obra é de todos. Nós apenas somos instrumentos e coordenadores. Os que nos conhecem precisam de nos conhecer melhor; os que não nos perceberam ainda ou nos desconhecem, muito bem fariam em visitar-nos. Não escondemos os defeitos como também deixamos à vista o que há de bom na nossa vida. Venham, que a todos recebemos de braços abertos, apertando as mãos que se nos estendem e estendendo as nossas para que as apertem também. Todos unidos não seremos demais. E vamos ao trabalho, que de palavras está farto o Mundo!

Padre Luiz



Mais uma significativa imagem do conjunto artístico da nossa Casa de Benguela.

FESTAS

Por enquanto ainda as não senti. É a fase do estabelecimento do programa: programa a exibir no palco; e programa da «tournée». Este último, a cargo do Júlio, está quase assente e coincide muito de perto com o do ano passado. Parece, até, que tem havido um nadinha menos de entraves burocráticos. Viva o luxo!

Da parte artística é responsável o Bernardino. Esse, naturalmente, para a concepção indispensável, tem andado mais arredio da sua ocupação habitual: Composição Tipográfica. Eu já me ofereci para dar umas sugestões — mas fui rejeitado; pedi para ser conhecedor e dar opinião crítica, antes dos ensaios, ou logo após os primeiros — mas não fui atendido. Sempre têm muito pouca consideração pelos meus talentos cénicos, estes meus homens! Paciência! Eu cuido que poderia contribuir um bocadinho... Mas, já que me põem de fora, fico mais descansado! Valha-me essa compensação!

Como nós andamos com o tempo litúrgico, este ano aparecemos um nadinha mais tarde. É que temos de fugir ao Carnaval e não queremos ultrapassar a Páscoa. Por isso andamos normalmente com a Quaresma — o que, superficialmente, parece ser pouco adequado, mas ao que eu acho, pelo contrário, um profundo sabor a acerto. Creio que grande parte do nosso público fiel e mais consciente do que somos e do significado das nossas Festas, sente como eu.

Julgo que Júlio no próximo número, já dirá algo mais de concreto.

E os nossos padres que botem fala, quando julgarem oportuno em relação às Festas da sua região.

Acção Social

O correio de hoje trouxe duas sugestões cheias de actualidade. Uma, de paróquia das vizinhanças de S. João da Madeira, com quem desde há tempo mantemos contactos a propósito dos «pequenos auxílios» àqueles chefes de família que ousam lançar-se à construção de um lar para os seus.

O que há de menos vulgar nesta relação é a solidariedade do «Grupo de Serviço dos Pobres — Conferência Mista Vicentina» com todos os valentes empreendedores de tais obras. E não só a solidariedade, mas a estruturação da mesma, de forma a que se não dissipem inutilmente forças, que todas são necessárias ao êxito do empreendimento. Assim, a Conferência Mista de S. Vicente de Paulo «está a meter ombros a mais uma empreitada, a de acabar a casa do Sr. F. que, tendo sido iniciada com mão de obra gratuita de particulares, ainda lhe falta a carpintaria e outros acabamentos que o próprio não pode comportar.

Por isso (o Pároco em nome da equipa) vinha pedir mais uma ajuda para acabar esta obra».

Tudo certo! Uma Conferência mista — para melhor poder complementar a acção Vicentina — que, não encontrando já, talvez, fartura de miseráveis com que se entreter e a quem entreter, nem por isso cruzou os braços, antes foi à descoberta de novas formas de acção e encontrou esta tão importante, tão essencial, tão promotora de uma sociedade mais sã, que assim se pode esperar mais fraterna.

Tudo certo, ainda, porque o Serviço dos Pobres não se sobrepõe à iniciativa nem demite da responsabilidade que lhe compete cada chefe de família a quem ajuda. Supre, apenas, aquilo que «o próprio não pode comportar». E, para esta ajuda, além da «mão de obra gratuita» que mobiliza, quantos outros esforços não põe em movimento — até o nosso fundo do Património dos Pobres de onde saem estas migalhinhas dos «pequenos auxílios»!

Continua na QUARTA! página

PELAS CASAS DO GAIATO

Miranda do Corvo

O NOSSO RETIRO

Ainda não tinha sido este ano. E como o ano estava a terminar, procurámos terminá-lo da melhor maneira.

Férias do Natal... Tempo difícil para a vida da nossa Casa: urge que o tempo seja bem aproveitado para a apanha da azeitona. Esta será apanhada com muita dificuldade em tempo de aulas, pois não há gente livre: tudo está na Escola, na Telescola, ou em Coimbra. Foi pois difícil de organizar.

Apesar destas dificuldades, deixámos tudo e fomos confiantes ao encontro do Senhor. Esperamos que cada um de nós O tenha encontrado e recebido com disponibil'dade.

Foi agora nos últimos dias do ano, no nosso Lar de Coimbra, que o nosso Retiro decorreu. O sol veio e dispôs-nos bem. Mas a ajudar-nos no tal Encontro, esteve o Sr. Padre Zé Andrade. Foi muito amigo, espontâneo e falou-nos sempre com alma. Será uma força de expressão, mas mesmo assim, emprego-a: quase que bebíamos as suas palavras. E chegados ao fim tivemos pena. Queríamos mais.

A animar o grupo, esteve Padre Pelino. Sempre com uma canção e o sorriso nos lábios, disposto a dar-nos da sua alegria. Creio que o conseguiu e foi contente. Nós contentes ficámos.

Éramos um grande grupo. Cada um dos que veio, ter-se-á sentido com disposição para aceitar aquilo que o Senhor lhe quis comunicar. O Senhor levou-nos a dar mais um passo para o grande Encontro com Ele. Deu-nos alguma coisa. Soubemos nós recebê-la?

Os dias de maior reflexão terminaram. Mas o Retiro não acabou. Retiro é vida. E a vida continua.

E porque assim é, onde quer que estejamos, qualquer que seja a actividade que exercemos, cabe-nos agora a nós repartir com os outros, algo daquilo que recebemos.

Possamos nós, pois, testemunhar junto dos nossos irmãos muito daquilo que ouvimos.

Constituindo meia surpresa, mas recebida sempre com muita alegria, foi a visita do Sr. Bispo que a nós se uniu na Missa de encerramento e falou connosco ao Pai do Céu.

Num clima de alegria esfusiante, tivemos depois o nosso almoço, no qual repartimos com o Sr. Bispo o pão do corpo, depois de haverem repartido do Pão do Céu.

Esta alegria continuou nos dias imediatos. Creiam amigos que foi uma boa prenda de Natal que nos trouxe o Deus-Menino.

Francisco José

NATAL — Como todos os anos anteriores, os nossos rapazes que estão fora vieram passar o Natal a nossa Casa.

Os que não puderam vir mandaram a sua lembrança. Uns desejando um feliz Natal, outros mandando presentes, e outros com a boa vontade de vir mas não podendo não se esqueceram de nós.

Na véspera, como já vai sendo costume ao jantar, saboreámos um delicioso prato de batatas com bacalhau e couve portuguesa.

Mais tarde juntámo-nos na Capela, onde com a Missa da meia-noite celebrámos o nascimento do Menino Jesus. No fim, na nossa sala de jantar, foi servida uma pequena refeição. Depois, recolhemos às nossas camas pois já se estava a fazer tarde.

No dia 25, logo de manhã, foram distribuídas as respectivas prendas. O dia decorreu normalmente. Só à noite nos tornámos a juntar na nossa escola, onde havia uma pequena exposição dos trabalhos feitos pelos alunos da Telescola no primeiro período escolar. Ali passámos o serão, onde todos os que quiseram demonstrar as suas habilidades, tiveram oportunidade.

TELESCOLA — Começou o segundo período do ano lectivo. Todos

continuam com grande vontade, pois o saber e o aprender mais é da vontade de todos nós.

Este grupo da Telescola está na perspectiva de uma vida melhor. Já não se contentam com os ofícios de carpinteiro, serralheiro, pedreiro, etc. Eles querem uma vida actual, uma vida em que sejam iguais a todos os outros jovens, que têm uma grande vontade de saber mais e melhor.

As notas do primeiro período não devem ter sido más! Pois seria aborrecido que algum ficasse pelo caminho. Se desta vez desceu, para a próxima terá de subir. É esse o nosso desejo.

Manuel José

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DONATIVOS — Aí vai o resto da procissão natalícia. À frente, uma legenda significativa:

«Para a Conferência de Paço de Sousa, destinado à consolação das MÃOS DADAS, segue o vale de 1.650\$00, com toda a fraternidade Um assinante do Seixal».

Que dizer mais? Disse tudo. E tão bem!

Mais 100\$00 da assinante 5251, do Porto. Ainda do Porto, cheque de um industrial gráfico — muito nosso amigo. Com «um abraço para todos», 50\$00 do assinante 8527. O mesmo do assinante 20856, de Espinho. O

dobro da n.º 32499, de Lagoa. O resultado de uma divisão do assinante 15693. E mais da n.º 26326. O mesmo de Miramar, entregue no Espelho da Moda. Mais uma legenda expressiva, do Porto:

«Envio 20\$00 para ajudar a sua actividade vicentina.

Peço desculpa de ser uma gota d'água, mas não posso dispor de mais.

Os meus cumprimentos e votos de felicidades no Ano Novo.

Uma Avó Antiga e também pobre».

Estas legendas são o pão nosso de cada dia. Apesar disso — e até por isso mesmo — ficam sempre registadas em nossa alma. Sempre!

Agora vem lá um assinante de White River, África do Sul, com 100\$00. E metade de um médico, muito amigo, das Caldas da Rainha. É tudo!

Os donativos devem ser remetidos à Conferência de Paço de Sousa — Jornal «O Gaiato» — Paço de Sousa.

Júlio Mendes

BENGUELA

DIA DE NATAL — São 20 h. 30m. Ouve-se o sino tocando. É a hora de jantar. O refeitório enfeitado, as mesas cobertas de batatas, bacalhau, cervejas, gasosas etc. É dia de festa, dia de Natal. Vários convidados connosco.

Acaba-se o jantar, começa a música. Um conjunto de violas, composto por pessoas amigas, que estão aqui ao nosso lado, e que foram convidadas para a nossa consoada. Outro conjunto de rapazes da nossa Casa, com batiques, harmónicas, reco-reco e chocalhos. Era a vez de cada um tocar, e, de vez em quando, lá apareciam vários números, tipo rábulas, ensaiadas pela Sra. D. Virgínia — a grande mártir de todos estes preparativos. Houve grande alegria, das 20 h. 30m às 23 h. 30m. Houve de tudo um pouco: música, rábulas, rabanadas etc. Depois, a Missa do Galo. Um dia em cheio, o que se passou aqui em nossa Casa, graças a todos quantos para ele trabalharam. Esperamos para o ano fazer coisa melhor. Esperamos, também, que haja mais mãos a fazer o trabalho. Se com poucos foi assim, com todos a darem a sua colaboração será melhor. Oxalá que sim. Não esqueçamos os amigos de fora que vieram trazer-nos suas lembranças.

OFICINAS — As nossas oficinas continuam com os seus serviços, sem parar. Mas lá está a oficina que nos falta, a nossa tipografia. Muita gente já deve estar aborrecida de ler, em todos os meus artigos, qualquer coisa sobre a tipografia. Mas tem que ser; temos que andar sempre a falar nisso, senão até o senhor Padre esquece. Será falta de dinheiro? Falta de tempo? Falta de pessoal? Afinal é falta de quê?! Espero que alguém me responda.

FUTEBOL — A nossa equipa, lá vai fazendo uns joguinhos. Há dias entrou num torneio organizado pela M. P. em que ficou em 4.º lugar,

Posição surpreendente para quem conhece a nossa equipa, não é verdade? Mas tudo isto devido ao árbitro, que, em todos os jogos, nos prejudicou; um árbitro da Associação de Futebol de Benguela, que nem sequer tem preparação física suficiente para acompanhar um desafio de futebol!!

Esperemos que para o ano a M. P. de Benguela arranje um juiz de campo em condições, para não se repetir o que se tem dado todos os anos.

Luís Pinheiro

Paço de Sousa



Casamento do José Francisco Seixas e da Rosa. Ele preparou-se como tipógrafo, em nossa Casa de Paço de Sousa.

ANO NOVO — Como é tradição, alguns dos nossos colegas foram passar a festa de Ano Novo com as famílias. Partiram no sábado e regressaram na segunda-feira à tarde.

A passagem do ano, em nossa Aldeia, decorreu com muita alegria. De salientar a maneira como os nossos amigos acolheram o nosso chamamento. No fim da tarde de segunda-feira chegaram bastantes visitantes, o que tornou a Casa mais movimentada. Continuem a visitar-nos!

AULAS — Terminaram as férias. E os nossos estudantes voltaram ao trabalho escolar. Os «telescolistas» continuam em «suspense». Hoje, dia 6, ainda não chegaram as notas!! Não sabemos o motivo da demora. Os responsáveis pelo Ciclo Preparatório TV façam o favor de não demorar mais as pautas... Senão, a malta desespera! E com razão.

NOVO CHEFE MAIORAL — O Aníbal, novo chefe maior, já entrou ao serviço do cargo da maior responsabilidade em nossa Aldeia. Espe-

ramos tenha entrado com o pé direito. E possa compreender e resolver, da melhor maneira, todos os problemas que surjam. Quando errar, porém, saiba reconhecer o erro. Assim, temos esperança nele.

O António, chefe cessante, assentou praça na Figueira da Foz.

LIVRO «VIAGENS» — Terminou a impressão! Agora, é só trabalho de encadernação. Os estudantes do Lar do Porto deram uma forte ajuda. E chegou a altura dos compositores também serem destacados para a ultimização da obra. «Quim do Porto» e «Campanera» estão ao serviço.

Quando o livro estiver pronto, chegará às vossas mãos. Ele é obra do nosso trabalho — desde a composição à encadernação. Aí um dos seus maiores valores: ser obra nossa, das nossas mãos.

Quem não for assinante da Editorial, marque já a sua vez — por carta ou postal. Mais vale prevenir do que remediar...

FRIO — Tem sido um caso sério! Mas temos um problema importante. É na encadernação. A única secção da nossa tipografia sem aquecedor. Um frio de rachar! A malta quer trabalhar e não pode. Ainda para lá vai, de vez em quando, o aquecedor velhinho do escritório. Mas não adianta. Os aquecedores estão-se a desfazer! São dos mais primitivos. Peças de museu!

Resultado: Hoje, de manhã, «Quim do Porto & C.» resolveu escarrapachar à porta da secção de encadernação esta legenda humorística e significativa:

«Atenção:

Fechar sempre a porta, para a câmara frigorífica não descongelar...

Os Congelados do Sindicato».

E mais: Montaram, na sala, uma exposição de restos mortais duma série de aquecedores! «Vejam lá se a gente não tem razão!» — contesta a assembleia à entrada do Júlio, que passou logo nota de reportagem ao redactor de serviço. «Pois é — berram todos ao mesmo tempo — quando são precisos aquecedores fora da oficina, aí vão de carrinho. O pior é que na volta aparecem sempre cada vez mais escangalhados. E a gente que agente!»...

Não haverá por aí uma empresa de aquecedores a gás propano que se disponha a resolver o problema do aquecimento da nossa tipografia? E quem diz tipografia, diz salão de festas e bar e refeitório, etc.? Claro, faria o favor de substituir, inclusive, todos os «mamarrachos» ao serviço há longos anos e a desfazerem-se diariamente...

Convinha, no entanto, que o feliz ofertante tivesse a bondade de mandar cá um técnico competente para avaliar das necessidades de cada departamento.

Quem levanta o braço? O primeiro é que ganha!

Luís Nunes Marques



Quisera eu, leitores, saber cantar um louvor de gratidão por tudo o que nos dais! Mas não sou capaz.

Nesta quadra, em que o homem se sente mais irmão dos outros homens, são tantos e tais os motivos que vos servem para acompanhar vossos donativos, que alguns nos espantam pela oportunidade.

Ao longo destas vossas presenças, ireis certificar-vos do que digo.

Da Sigma, os anuais 2.400\$. E aquela carrinha, que aparece por cá muitas vezes, com carne, ossos e o mais. E 150\$, acompanhados destas duas quadras:

«Uma migalha de novo
Pensando naquele rifão
Que anda na boca do povo:
«Migalhas também são pão».

E com muita devoção
Pedi a Deus uma graça;
Esta pequena porção
Transforme em grande fogaça.»

Do primeiro vencimento de uma anónima de S. Pedro da Cova, 510\$. De Montalegre, 100\$ «para a maior necessidade do dia em que a receberam». Ficou nesta Casa, pois elas são tantas e tão grandes! 500\$ de Campo de Besteiros. Pacotes de vestuário, de D. Matilde Lima e D. Maria Judite, enviados por senhora amiga de Vilar Formoso. Portimão com 500\$. De Carrazeda de Ansiães, 1.000\$. De Silva & Filhos, 100\$. Mais 70\$ do Porto. «Amigo de longe», com 500\$. De A. J. Gonçalves de Moraes, Lda, 100\$. Da Rua da Firmeza, outros 100\$. Celeste com 50\$. De Maria Angelina, 20\$. Da Fábrica de Malhas de Silveiras, a costumada remessa de meias, peúgas, malhas e confecções. Donativos e panos para estofos, do nosso velho Amigo Fernando Casal.

«A Sintrense do costume», por hábito e por gosto, aqui vai com o valor de um recente aumento de ordenado — 370\$. Mais 200\$ da Julieta. «De Pobre para Pobres», 50\$. Amiga de sempre, com 500\$. Roupas e calçado de Queluz. E de Poças Junior, a já habitual caixa de 12 garrafas de vinho do Porto. Aguada de Cima com 50\$. Muitas intenções por pessoas falecidas e várias quantias. M. A. com 50\$. Da Amadora, 650\$. De Lisboa-Norte, um cheque de 9.000\$, de quem, em tempos, nos perguntou a existência das nossas actividades e a população das nossas Comunidades na Metrópole e Ultramar.

«Sou empregada dos C. T. T. há mais de 30 anos; em tantos anos é este o primeiro em que tive gratificação de Natal. Aqui ficam 500\$, percentagem que destinei à grandiosa Obra do inesquecível Pai Américo». Foi este o recado tal e qual nos chegou.

2.500\$, como um sinal de amizade, dum grupo de Amigos, espalhados por várias secções do Banco Borges & Irmãos (Sede). Bem hajam, pela vossa amizade, que vem de há anos. De Clara e José Flores, 60\$+60\$. Mais do assinante de Rio Tinto, que nunca falta, 3 vezes 100\$. Por intenção de António Pimentel da Fonseca, 3.000\$. Mais um grupo de amigos. São os Operários da Fábrica de Tecidos Jacinto, com o donativo anual de 2.000\$. Roupas e calçado de Monsanto, e 100\$ para as despe-

sas no levantamento da encomenda. Da Tabacaria Lusa, 1.500\$ de donativos recolhidos no mealeiro, colocado ao balcão do seu estabelecimento. E, ainda, mais 400\$, entregues lá por uma estudante, sendo 200\$ pró Calvário. «Para 20 pães para os vossos meninos, duma pobre viúva de 74 anos». Vieram 20\$.

Um fardo com cobertores, da Sociedade Textil de Lousado. Da Rua do Bonfim, 250\$. Anónima com 200\$. Luisa de Carcavelos, com 100\$. De Vilar Formoso, 100\$. Lisboa com 50\$. De Sintra, parte do 13.º mês, 200\$. De Espanha, 50\$. Mais 750\$ — 1.º ordenado de um moço que, por necessidades familiares, teve

de passar do curso diurno ao nocturno. Da firma Augusto Guimarães & Irmão, e em intenção do Sr. Augusto Lopes da Silva Guimarães, 2.000\$. M. L. com 50\$. Da União dos Inválidos de Guerra, 40\$. Vários cortes de lanifícios, da Fábrica de Lanifícios nas Poldras. Da Corporação de Pilotos da Barra do Douro e Leixões, 250\$. Mais 500\$ e este cartãozinho, que há muito não via nesta coluna: «Por alma d'aquela que eu tanto amei, para a Obra que ela tanto amava».

Os habituais 100\$, em selos de correio, que todos os meses nos chegam da Amadora. Maria com 200\$. Da Sapataria Pre-

tinho, 50\$. De Valadares, 200\$. Mais 100\$ do Porto. Mais 500\$ da mesma cidade. 10 francos de Villiers. E 100\$, «fruto dum pequeno aumento». Penafiel com 50\$. De Mirandela, 150\$. Maria Helena com 100\$. Do Colégio Tomás Ribeiro, 4.500\$ e muita amizade. De Gaia, 20\$. Calçado de Ermesinde. E retalhos de algodão e flanelas, de Bairro-Minho, de quem lembra com saudade o dia 6-11-931.

Presenças várias, de Águeda, «Obra de Deus para os Pobres». De Kiel, 10 marcos. 100\$ de «uma pobre viúva». Migalha de Lisboa, de 50\$. Da «mãe que crê em Deus», 140\$. De Lyon-França, 20\$. No 4.º aniversário do falecimento de Victor Manuel, 200\$. Assinante 19109, com 20\$. Um anel duma avó, que pede uma Avé-Maria. Vale de 25\$, de Luzia Mota. Anónima de Ermesinde, com 840\$. De Caldas da Rainha, a «Avózinha de Santa Rita» envia-nos 570\$. Silves com 70\$. No 50.º aniversário da firma Polónio Basto & C.ª, 500\$. A «uma mãe alentejana», dizemos que sim. Pode continuar a mandar-nos o que desejar. Tudo é bem recebido. Roupas de Pedrogão do Alentejo. Assinante 19730, com 50\$. Dos Armazéns Val do Rio, de Lisboa, 20 cobertores de mescla, por ordem de um Amigo de Faro. 500\$ de Oliveira de Azemeis. E de Lisboa, 1.180\$ mais estas linhas: «Dois anos de condução sem acidentes, o bônus do seguro é vosso. Que ele vos dê tanta alegria como prazer sentimos em vo-lo enviar.» Oxalá continuem em bem e S. Cristóvão vos proteja.

De Horta-Faial, chega-nos um pequenino alfinete, muito pobre, mas acompanhado duma vontade maravilhosa. Era a única joia duma Mulher que nos ama. Mais 50\$ de Viseu. «Velha amiga», de Lisboa, com 2.500\$. Fernanda e Clotilde com 100\$. Da agência, em Tomar, do Banco Pinto de Magalhães, os 500\$ anuais. De Aveiro, 100\$. Por alma de D. Adélia Cândida, no 2.º aniversário do seu falecimento, 250\$. Mais 700\$, do pessoal da Fábrica de Malhas Férpos: De Vila da Feira, amigo que viu nascer a Obra da Rua e a tem acompanhado, com 200\$. Cebolais de Cima com 100\$. Dos nossos amigos do Bairro da Pasteleira, 300\$. «Viúva amargurada», com 1.000\$. Mais 200\$ de Vilar Formoso. Anónima do Porto, com 350\$. Ana Maria com 50\$. E dum senhor engenheiro, de Lisboa, que aparece de quando em vez, cheque de 20.000\$.

De Inhambane, Colégio de N.ª S.ª da Conceição, 500\$. «Por alma de Manuel», 100\$. E as muitas ofertas entregues à porta do Lar do Porto. Da firma Pinto & Cruz, Lda, 3.000\$. Alguém, da Delegação Escolar de Gaia, com 550\$. Duma Graça, 250\$. Da Rua Aníbal Cunha, 40\$. Os costumados 100\$ da Princol. De S. Pedro do Sul, 50\$. E 100\$ entregues pelo «Meno». Mais 500\$, de S. Tiago de Riba Ul. 100\$ de Lisboa. Da Quinta das

Rosas, 2.000\$. Mais um abraço de amizade e 150\$, da Farmácia Moutinho. O donativo anual de mil escudos, da Junta de Freguesia de Arcozelo. 100\$ da Capital. 120\$ de Serzedo. Do Grémio dos Industriais de Barbeiros e Cabeleireiros do Norte, 100\$. Assinante 2838 com 15 marcos. E 150\$, «duma Mãe», que avalia bem quantas dores de cabeça, devem dar tantos rapazes. Mais 200\$ da Invicta. Nampula, 500\$. Aveiro, 100\$.

De Braga, 720\$. Massachussets, 5 dólares. Nazaré com 25\$. Da Marinha Grande, 100\$. E 500\$ de Tomar. Cerâmica Primor, com 100\$. Mais «500\$, parte do primeiro ordenado da minha filha como professora primária». Irmã Lima Lobo, com 500\$. Covilhã com 100\$. Da Empresa Industrial do Guro, por ordem do seu sócio-gerente, 500\$. Muitos pacotes, de todas as formas e feitios, contendo os mais diversos objectos, trouxemos do Espelho da Moda. E os muitos donativos que lá deixais! E o muito carinho, com que todos nos recebem naquela Casa! Tudo isso recebemos, e o mais que se torna impossível descrever em pormenor. Graças a Deus, por tudo.

E cheguei ao final, amigos. Um Novo Ano repleto de Paz, bem estar e bençãos do Céu, para todos vós.

Manuel Pinto

DOUTRINA

«Porque será que só nesta quadra do ano a maioria dos corações dos homens se lembram de dar?

É a semente de Cristo que os impele à plantação?

É o temor a alguma coisa?

Será um redimir de consciências intranquillas?

Seja que sentimento for, é um gesto belo e humano que nos dá alegria e calor.

Não terá ainda mais valor perante Deus, a vontade daqueles que gostariam de dar, mas não podem, do que a daqueles que podem e dão, mas sempre menos do que aquilo que poderiam dar?

Responda-me, Padre, se puder, a estas interrogações e aceite esta pequena lembrança dada com amor.

Um cristão que ama»

Meu caro «Cristão que ama»

Já que pede resposta — pois que fazer senão dar-lha?! Se bem que cada uma das suas interrogações formula uma hipótese de explicação: é já uma resposta!

Mas se uma pista nos pode levar mais ao cerne, eu penso que um grande problema do homem — na sua longa adolescência, que dura a vida neste mundo — é a nossa natural volubilidade, a real dificuldade em perseverar.

Toma-se o coração como sede do amor. Mas aí do amor que não é temperado pela inteligência — que breve se desvirtua; ou flutua à deriva num irrequeto da nossa sensibilidade!

A luz que irradia do Presépio e aquece tão facilmente os corações, tem de iluminar duradouramente as inteligências, tem de transformar esse calor em outras formas de energia que movam o homem e o consagrem ao serviço do Homem.

A «Semente de Cristo» é o princípio sem o qual nada é possível. Mas falta todo o resto do ciclo vital, pertencente à vontade do homem iluminado por Cristo, aquecido pelo Seu bafo. Isso mesmo: Como Jesus nos amou, assim nós...! Todo o homem normal tem a intuição deste dever e sofre a dor desta lacuna. Daí: a intranquilidade...;

a procura de redenção...; «a alegria e o calor» gozados em cada gesto desta sorte: «belo e humano».

Mas este gesto não pode ser um acidente anual na vida do homem. Há-de ser, justamente, uma atitude habitual, uma opção definitiva, porque tal é a essência do Caminho que leva à Vida.

Das mais valias perante Deus, só Ele é o Juiz. Sabido é que que a Sua sentença não é função da intensidade da matéria. Haja em vista o «óbulo da viúva»! Mas cada um tem de jogar os «talentos» que Ele lhe deu; e, se lucra cem por cem, recebe o salário divino: «cem por um, neste mundo; e o Reino dos Céus».

Fica de pé, no entanto — eu compreendo-a! — a última interrogação. É muito mais arriscada a posição «dos que podem e dão, mas sempre menos do que aquilo que poderiam dar». Eis o preço da posse, a contradição dos bens deste mundo! Que ninguém pergunte a ninguém a definição de um quanto! Só o Espírito de Deus tem a resposta para cada um. Cada qual faça silêncio dentro de si, implore o sopro do Espírito — e escute-O e acolha-O. Não negocie com Ele. Ame. Com o amor d'Ele, que é o AMOR, ame...

E não há mais interrogações!



Tem sido um constante afluir de pedidos para rapazes nestes últimos dias! Têm-nos entrado porta dentro a engrossar o caudal já de si volumoso. E todos eles consequências de gritantes tragédias. O que são quando a Casa do Gaiato lhes abre os braços de mãe! — autênticos farrapos humanos, filhos da lama mais vil que há pelos caminhos! E o que são, na generalidade, quando dela saem homens já feitos!

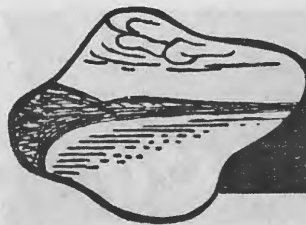
Infelizmente corta-nos o coração pormos os olhos em alguns e vê-los, ao saírem das mais diversas formas, serem fruto da mesma miséria que quando entraram. A revolta que em si fermentaram quando pequeninos, cresce e avoluma-se com eles. E suas atitudes são de rebeldia e de ingratidão mesmo para quantos só lhes fizeram bem. Quantos saíram por esses caminhos e se atolaram mais e mais no lodo do atrofamento dos valores morais e humanos! Com tristeza, verificamos que hoje começam já a

Continua na QUARTA página



não serem raros estes casos. Imensas vezes me debruço sobre este fenómeno para melhor compreender. Tudo faz um sentido. Os homens são os mesmos de outrora, os tempos é que evoluíram. O mundo oferece muitas mais perspectivas de vida e por isso mais cativa. Arrastados por isto e empurrados pelas próprias famílias, fogem de casa usando das artimanhas mais singulares.

Muitos só lhes tornamos a pôr os olhos em cima, anos volvidos. Quando as saudades apertam e, magoados, se nos vêm queixar do que têm passado. Quase todos os que assim têm saído, são de idades em que não é possível ter um mínimo de amadurecimento. São crianças que as famílias arrastam com elas. Pequenos revoltados, cuja educação e instrução trazemos de trás, com persistência e esforço, e fica em meio. E as famílias iludidas com o corpo do homem que vêm, seguem na ganância de mais um braço para ganhar. Não atinam que é mais importante uma cabeça de homem que um «corpo de urso». E quando julgam que aquele «gatinho rebelde», que



SETUBAL

um dia legaram à Casa da Gaiato, estava «domesticado», ele saí-lhes ao caminho como um «tigre de garras afiadas». Depois, passando algum tempo, vêm com eles pela mão pedirem-nos compreensão. Tantas vezes, quando pelo meio se meteram outros casos bem mais aflitivos e, por consequência, não temos remédio a dar...

Porque o processo de desenvolvimento do garoto da rua fica em meio, torna-se muito difícil para quem tem a tarefa de instruir e educar, criar homens autênticos. É hoje um caso angustiante verem-se tão poucos homens da cabeça aos pés! Porquê?... Começa-se por falhar na educação de base. Depois, quando o remédio é remoto tudo se quer fazer. E não há mão nem antídoto capazes de procederem convenientemente.

Ultimamente um caso nos suscitou um interesse especial. Pela forma estranha como tudo se desenrolou. A família dá como quem dá um pau e rouba (é o termo exacto!) essa coisa sem importância. Vem, fala com o rapaz e leva-o sem dar satisfação a ninguém. Nem com um coelho isto se faz! Porque se o dono tiver conhecimento do roubo e souber quem o fez, certamente exigirá a entrega do mesmo, a consequente remuneração ou se queixará à justiça... Nem com um coelho, quanto mais com um homem! Que pensou esta família quando entregou o pequeno à Casa do Gaiato? Depois, porque se tomaram providências, insurgiu-se contra nós. Estabelece-se aqui um equívoco. A Casa do Gaiato não foi junto da família para recolher o pequeno. Aquela, sim, é que sentiu a necessidade

de lhe dar aquilo que ela não podia ou tinha força para o fazer. Quem nos dera a nós que por este Portugal não fossem precisas Casas do Gaiato! Que todos se amassem e ninguém necessitasse da ajuda dos outros. Quem dera!... O pequeno voltou connosco. Mas foi um esfregar de olhos. Alguns dias... e sumiu-se. A família actuou e é sempre a voz do sangue. Lutar contra

isto é tarefa inútil e demasiadamente cansativa. E em todos estes casos de fugas precipitadas, cortando tudo o que vínhamos realizando no rapaz, há sempre um ponto comum — o aparecimento da família. Pais, tios, avós, irmãos a chamarem o rapaz para o seu convívio ou que os levam sem dar uma palha a ninguém. Assim não, famílias! Não é pela Casa do Gaiato que de si tem bom nome e tantos e tantos o têm sublinhado bem, mas por eles, os rapazes, que em vez de serem os homens que deles pretendemos, não passam de mais uns desgraçados a juntar a tanta desgraça que existe por esse mundo.

Rogério

Acção Social

Cont. da PRIMEIRA página

No fim do correio dei-tei os olhos à «Escalada» — folha de ligação do Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo — de 3 de Dezembro passado. Traz uma meditação do Boletim das Conferências Belgas, uma meditação intitulada: «Os olhos abertos»; e legendada: «Com os olhos abertos, neste sentido, a Paz é possível, porque a Paz não acontece: constroi-se».

Transcrevemos alguns parágrafos:

«Mesmo com os olhos abertos não damos atenção bastante aos apelos silenciosos daqueles que, perto de nós, têm necessidade do nosso auxílio.

Muitas vezes não queremos ou, o que é ainda mais grave, não somos capazes de ver. Absorvidos como estamos pelas nossas preocupações profissionais ou familiares, esquecemo-nos de olhar por sobre os muros do nosso próprio mundo e recusamo-nos assim, conscientemente ou não, a participar na realização do novo mundo, isto é, no Reino de Deus.

Eu disse também: não somos capazes de ver. Na realidade, o conforto, o comodismo, insinuam-se no nosso meio como as suas imagens de falsa felicidade e impedem-nos cada vez mais de ver os deserdados, os desprezados, ao fim e ao cabo aqueles a quem Cristo dirigiu as Bem-Aventuranças.

E todavia, esses homens e essas mulheres e mesmo essas crianças, física ou moralmente

experimentadas, vivem tão perto de nós! Eles encontram-se ao longo do nosso caminho de Jericó, do nosso caminho de todos os dias.

Que vamos fazer? Ser para eles o bom Samaritano? Ou pelo contrário, passar além sem os ver, ou fingindo ignorá-los?

Não nos chama Cristo a abrir os nossos olhos à miséria do mundo e a melhorar a nossa ajuda, num espírito de caridade eficaz?

Esse apelo, nós não poderemos ignorá-lo.

Isto é na Bélgica, onde, ao que se ouve dizer, o nível de vida é muito superior ao nosso e, consequentemente, também o nível das camadas mais pobres menos miserável! Pois também lá permanece a razão de ser da Sociedade de S. Vicente de Paulo e se sente a urgência de estar vigilante para detectar e responder às necessidades de tantos homens «física ou moralmente experimentados» pelo sofrimento que «vivem tão perto de nós», que «se encontram ao longo do nosso caminho de todos os dias».

Aqui está um grito de alerta que aqueles Vicentinos de ao pé de S. João da Madeira parecem ter ouvido.

Graças a Deus. Louvor e glória só a Ele!

Mas vamos todos, de «olhos abertos», em semelhante ou em outra forma de acção concreta, na peugada destes nossos Irmãos.

CAMPAÑA DE ASSINATURAS

NOVOS LEITORES DE «O GAIATO»

Continua a procissão de novos leitores! Neste caso, de novos assinantes do «Famoso». As presenças chegam a bom ritmo. Graças a Deus.

Há dias, quando Avelino procedia à inscrição de gente nova, debruçei-me por momentos na secretária. Eram dois montes de fichas! «Estas são do Jornal, aquelas da Editorial» — esclarece. Aliás, a diferença de cor é evidente. Soube-nos bem, frizar a variedade. São colunas de gente viva!

E os propósitos de cada um? Inalteráveis! A marca de sempre. Sejam donde for. Venham donde vierem. Do Minho ou do Algarve, do Brasil ou de Moçambique, onde houver um português amante da sua Pátria — nos irmãos que sofrem carências de Pão e Amor.

● CORREIO DOS LEITORES

Vamos recortar legendas saborosas do maço da correspondência. Legendas de vida.

Diz Luanda:

«Peço a fineza de me enviarem o jornal «O Gaiato» o qual me faz imensa falta ler.

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Na Metrópole ia levar-mo um delicado e simpático rapazinho do Lar de Coimbra. Quando despacharem o livro «Viagens» é favor também enviarem-mo para a direcção que vou dar...».

Oh amizade!

Mais ternura. Mais amor pelo Jornal. É de Ruivães (V. N. de Famalicão):

«Há já uns anos, não sei quantos, que me começou a chegar às mãos o nosso querido Jornal, que sempre leio com muito interesse. Nunca o paguei! Comecei a recebê-lo numa época má, financeiramente falando. Felizmente essa época passou, mas o desleixo fez com que continuasse a não pagar. Admirando a vossa persistência em sempre terem enviado o «Famoso», venho pedir o favor de num postal me dizerem quanto devo, a fim de tudo ser pago, e de, um pouco como compensação, também enviarem o Jornal para meu filho de 8 anos...».

Isto, só no «Famoso»! E circula mais sangue novo nos arraiais de «O Gaiato»!

Agora, ouçamos a voz duma nova leitora da Beira Alta:

«Venho informar que pretendo ser assinante do Jornal «O Gaiato». Li-o uma única vez e gostei imenso de o conhecer...».

Agradeço a atenção e espero com ansiedade o nosso Jornal. E com o meu muito obrigado, despeço-me...».

Aquela «ansiedade», aquele «nosso Jornal», têm muita profundidade. E muito significado. São um acto de posse trans-

cendente. Esta circulação de Vida, arrasta. Arrasta outros. Por isso, não podemos parar! Vamos descobrir novos valores, mais gente esfomeada! Como fez aquela outra amiga de Queluz:

«Tenho uma pessoa de família que quer o vosso Jornal. Agradeço que envie para... Sou com amizade...».

Retribuimos do coração.

E vamos dar a síntese do movimento de presenças dos quatro quadrantes; não sem fixar outro parágrafo dum postal da Régua, que diz assim:

«Mais peço o favor de enviarem o nosso jornal tão apreciado e tão útil à sociedade para mais um assinante de nome...».

Não é imodéstia. Mas verdade — «tão apreciado e tão útil à sociedade». Di-lo uma amiga da Régua.

● DE TODOS OS QUADRANTES

A frente, S. João da Madeira. E o desfile é tão colorido e diversificado como o mapa! Mais Viana do Castelo, Matosinhos, Évora, Palmela, Pinhal Novo, Espinho, Grijó (Gaia), Almada, Vila Franca de Xira, Queluz, Torres Vedras, Figueira da Foz, Arrifana, e Lamarosa. Porto e Lisboa aos grupos. Mais Luanda, uma data de S. P. M., Dondo bem representado, Malanga, Camabatela, Carmona, Mais Lourenço Marques. E, finalmente, uma boa presença do Rio de Janeiro.



Um chora, outro gatinha! São filhos do José Alves, ex-«Baleia».